



A arte de ver: Vamos fotografar? The Art of Seeing: let's photograph?

Elaine Simões Romual Rebeca, Maria de Lurdes Dias de Carvalho
Universidade do Minho

Resumo

Cada pessoa tem a sua forma de olhar e ver as coisas que a cerca. O treino na arte de olhar amplia nossa percepção. O objetivo deste trabalho foi relacionar experiências estéticas de estudantes focalizadas entre o senso estético e o ato de ver utilizando o registro fotográfico. A pesquisa cinge-se a um estudo exploratório de carácter descritivo e interpretativo. A análise permitiu concluir que numa contemplação direcionada, a relação do sujeito com o objeto passará pela sua percepção comum e poderá levá-lo a uma percepção mais seletiva, a uma percepção estética, tornando possível o refinamento estético e cultural.

Palavras-chave: olhar, ver, estética, percepção, senso estético.

Abstract

Each person has his way of looking and seeing the things that surround him. The training in the art of looking enlarges our perception. The objective of this work was to relate aesthetic experiences of students focused between the esthetic sense and the act of seeing using photographic record. The research is limited to an exploratory study of descriptive and interpretative nature. The analysis allowed to conclude that in a directed contemplation, the relation of the subject with the object will pass through its common perception and can take it to a more selective perception, to an aesthetic perception, making possible the aesthetic and cultural refinement.

Keywords: to look, to see, aesthetics, perception, aesthetic sense.

Aprendendo a OLHAR: Vamos fotografar?

Fotografia é uma coisa tangível, você captura, você olha para ela. É algo semelhante à memória (Salgado, 2017).

Refletir sobre o ato de OLHAR e o de VER nos convida a pensar que VER não é tão simples assim. E o VER nos leva a um ato além do que a retina reflete, é uma comunicação com o cérebro e todas as sinapses que este momento acarreta.

A sociedade na qual vivemos hoje está tão focada na busca de diferentes objetivos que acaba por ficar cega e alheia à vida (natural e construída). Propostas e

Correspondência: Elaine Simões Romual Rebeca, elainerebeca43@yahoo.com.br

Selección y *peer-review* bajo responsabilidad del Comité Organizador del XIV Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía

resultados, ... trabalho, ... busca e ideal, ... objetivos, ... futuro, ... estas são algumas das palavras que nos rodeia no cotidiano e inconscientemente nos move na busca de algo (ou alguém), muitas vezes nem se sabe bem do *quê* nem *por quê*.

Todo este frenesim parece nos levar na onda do *consumismo teórico*. Nesta procura, muitas vezes focamos nossas ações baseadas em teorias (não sei de quem) ou com bases nos estudos (também não sei de quem), a sociedade (acadêmica ou não) acaba moldando o ser humano e, então, transformar a vida em um círculo de ações repetitivas, sem mudar o modo de OLHAR e VER o que nos rodeia. Não queremos dizer que teorias e estudos não são importantes - são sim! É, antes, a base para uma reflexão de nossas ações. Mas a questão é: O quanto ficamos presos a todas teorias e estudos, que em vez de reflexão destas com a nossa prática e vida cotidiana, engessamos nossas ações, o nosso OLHAR e o nosso VER? Por outras palavras, de que forma, teorias, culturas e tradições, tempos e espaços cristalizam nosso pensamento e reflexão, paralisam sensibilidades, rotinizam nossa vida não permitindo VER mais além... Piovesan e Temporini (1995) referem,

As experiências de vida, ao lado do ensino formal, concorrem para a construção de conhecimentos, crenças, atitudes, valores, emoções e motivações, componentes importantes a condicionarem a percepção dos indivíduos acerca de fenômenos biológicos, psíquicos e socioambientais. Assim, a percepção constitui experiência sensorial que adquire significado à luz dessas influências (p. 318).

Esses modos de ser e estar *na e para* a sociedade estão hoje tão latentes que propor uma atividade onde o OLHAR e o VER é o foco parece ser incoerente ou, pelo menos, inapropriado/retrogrado. E, para além disto, com um *método* tão comum: fotografar. Não podemos deixar de lembrar Vinícius Aguiar, fotógrafo que afirma que “Fotografar é acima da arte de escrever imagens com luz. É eternizar momentos, sorrisos e lágrimas, maneira de expressar o que se vê ou sente”.

Acreditamos que a *arte de VER* pode ser o início para que o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer. Cada pessoa tem a *sua* forma de OLHAR e VER as coisas que a cerca, e trazer essa individualidade para o contexto educacional, para o seu desenvolvimento

curricular, permitindo atribuir um significado pessoal a muitas dessas mesmas aprendizagens.

Uma das maneiras de comunicar visualmente este olhar é através da fotografia que pode ser compartilhada pelos diversos canais de interação que há. É uma das formas a que o indivíduo recorre para selecionar, registrar e “gravar” a sua leitura de uma determinada cena, situação ou acontecimento com seu modo de ver, comunicando visualmente a sua intra e interação com o meio (social, ecológico, cultural, etc.) e com os espaços (naturais e construídos). Essa leitura está, por si só, condicionada pela sua história pessoal mediada pela realidade e pelo conhecimento de mundo de que é portador. Um olhar que pode rejuvenescer sua forma de perceber e apreender o mundo.

Afinal o que é a arte de VER?

O treino da *arte de OLHAR e VER* amplia a percepção e, por meio desta, a descoberta de um universo sempre “amanhecendo”, um mundo com frescor e livre dos hábitos do cotidiano; exige uma nova forma de pensar e promove um encontro com o outro.

Ver! Afinal o que significa ver? Além de ser um dos nossos sentidos, há muito mais do que está ligado a este ato. Parece ser, num primeiro momento, algo mecânico, mas o que cada um vê está, de certa forma, embutido nos significados que foram gerados no transcorrer de sua existência. Cada um vê de acordo com as suas circunstâncias. Tal como Alves afirma,

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física (s.d.).

Mas, então o que significa a *arte de VER*? Sabemos que arte, como a atividade humana, está ligada a manifestações de ordem estética, elaborada por artistas a partir de sua percepção, emoções e ideias, e pode ter como objetivo estimular essas instâncias de consciência em um ou mais espectador. Paralelamente, o VER, por ser um verbo de ação, possui vários significados e entre estes destacamos: enxergar; contemplar; presenciar; possuir conhecimento acerca de; começar a perceber determinada coisa; concluir; prever; analisar minuciosamente; avaliar-se; maneira de pensar: a meu ver. (Dicio, 2017)

E é neste sentido que chegamos a um conceito sobre o que é a *arte de VER*, ou seja, é algo que envolve todos os nossos sentidos e está ligado às nossas percepções de compreensão sobre algo, é o olhar, o observar, o contemplar, o analisar, o relacionar as coisas materiais com os conhecimentos e experiências adquiridos e a estesia.

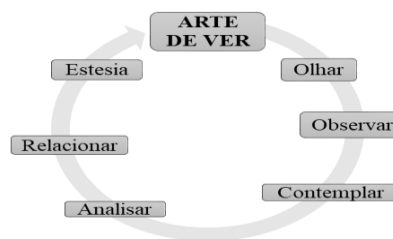


Figura 1 Conceito de Arte de Ver [elaborado pelas autoras]

O conceito de experiência de Bondía (2002) nos ajuda pensar nesta atividade como um momento importante para colocarmos os nossos sentidos em um modo mais aflorado, onde o ouvir, sentir, pensar, refletir sobre os outros e nós mesmos toma uma posição de percepção e análise.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2002, p. 24).

Ansel Adams deixa bem claro que o ato de fotografar pode trazer uma noção de uma determinada época, das vivências de quem fez a fotografia. Pode ser até mesmo o reflexo da pessoa que registrou o momento, de suas memórias (Adams). “Não fazemos uma foto apenas com uma câmara; ao ato de fotografar, trazemos todos os livros que lemos, os filmes que amamos. (2015)”

Fotografar: entre o olhar, ver e o estético

Mas, centremo-nos na *arte de VER*, já que este é um dos objetivos da atividade proposta aos estudantes, ou seja, que eles pudessem registrar em foto o que descobriam, o que “repararam” de novo, o que nunca perceberam no seu dia-a-dia, embora estivesse bem à frente de sua retina.

Ernst Haas argumenta, “A câmara não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que você está vendo. Mas você precisa VER (2012)”, ou seja, a câmara grava o que você está vendo, gerando a fotografia, mas precisamos VER. E como “o ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (Alves, Rubem, s.d.), os estudantes foram desafiados a desenvolverem novas competências, novas formas de olhar o que está ao seu redor registrando por meio de fotos, isto é, registrar através de uma linguagem que tem como elementos luz e sombra, ou seja, imagens estáticas de momentos que não retornam e estão relacionados com as emoções e experiências de cada pessoa.

A câmara fotográfica, tendo o potencial de captar a realidade, com seus diferentes planos, cores e tonalidades, apresenta também algumas limitações. Uma das grandes limitações que o registro fotográfico apresenta é a ausência de “uma imagem sonora em

movimento” que permitiria “autoexplicar-se e induzir uma interpretação”, pelo que,

[...]a fotografia isolada, por mais rica em aspectos visuais e simbólicos, dificilmente consegue propor uma explicação ou uma interpretação. [...] tende sempre a ficar no limite da constatação, no caso de uma questão ou característica socioetnográfica. Vai ser o “olhar” do pesquisador que vai identificar nela a problemática socioantropológica. Sem isso as fotografias parecem produzir apenas descrições rasas. (Godolphim, 1995, p. 165).

E acrescenta: “Fotografia, [...], pode ser considerada como uma obra aberta, passível de múltiplas interpretações” (1995, p. 170).

Refletindo sobre conceitos da *arte de ver* de Rubem Alves (2004) e Alberto Caieiro (1993) e de educação estética de Duarte Jr. (2001), assim como um vídeo intitulado: “*As cores das flores*”¹, foi proposto aos estudantes (n=25) do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2016-17) de uma universidade portuguesa o registo fotográfico de 10 situações/observações importantes. A atividade/tarefa transcorreu durante o período de férias escolares de Natal para que o ato de fotografar fosse prazeroso e de troca com seus pares, assim como também comunicasse um pouco do OLHAR e cultura do contexto em que estes sujeitos estão envolvidos.

Para clarificar o leque alargado de temáticas foi facultada pela docente uma vasta lista de situações/objetos que, não sendo obrigatória, poderia orientar ou facultar ideias ou situações. Após o registo fotográfico, os estudantes deveriam partilhar com a turma, em aula, e fundamentar a lógica implícita no ato de ver e fotografar.

Sublinhamos que para esta tarefa: i) a qualidade da imagem/fotografia não era relevante; ii) as fotografias podiam ser tiradas através do telemóvel, facilitando a acessibilidade e espontaneidade do ato de fotografar; iii) apenas foi verbalizado aos estudantes que deveriam tirar as fotografias sobre algum aspeto ou situação que lhes chamasse a atenção.

Trata-se de um estudo exploratório de carácter descritivo e interpretativo e tem como principal objetivo relacionar experiências estéticas destes estudantes focalizadas entre o senso estético e o ato de ver.

O foco desta análise é sob um prisma estético, envolvendo o treino do olhar com uma perspectiva que vá ao encontro de lembranças e emoções suscitadas.

Este texto relata e analisa a atividade intitulada “*Vamos fotografar?*”, apresentando apenas uma das análises possíveis, nomeadamente no que se refere às experiências estéticas proporcionadas por estas vivências, assim como refletir sobre a importância do olhar, do ver, da educação estética, da percepção e do senso estético na formação do ser humano.

A apresentação das imagens selecionadas pelos estudantes foi permeada de muitas memórias afetivas, hora envolvendo pessoas, hora envolvendo momentos e viagens, mas percebemos que as imagens estavam sempre relacionadas com seus familiares, o seu entorno, sua casa, sua cidade, sua identidade cultural. Contudo, em pouquíssimas fotos, eles se incluíram no ambiente

fotografado e não houve nenhuma self. O ato de ver estava realmente focado no registo do que vemos muitas vezes e não percebemos, ou que nunca havíamos notado.

Os dados sugerem um testemunho vivo de identidade e conhecimento de si através da valorização de aspetos ou situações pessoais e quotidianas e a relação com o outro aponta para interações muito restritas/circunscritas ou, talvez, não explicitadas. Quanto à visão mais abrangente verifica-se a descoberta de novos elementos e conhecimentos estéticos, históricos, contextuais, humanos, entre outros.

Concordando com “somos feitos daquilo que lemos, ouvimos e vivemos” (Neitzel & Carvalho, 2016, p. 232), e no nosso dia-a-dia emergem representações e percepções, representadas nas atividades que realizamos, mostrando parte da identidade cultural. Nesta perspetiva, a análise das imagens e reflexões apresentada pelos estudantes permitiu a organização das seguintes categorias: Memória afetiva, Percepção estética, Ver além do olhar, Imagens: significados, lembranças e Educação estética.

1. Memória afetiva

A memória é formada por lembranças positivas ou negativas. Conceituando: é um sistema que recebe, armazena, organiza, modifica e recupera a informação, e no ser humano ela dá e recebe através de experiências e estímulos. No âmbito da psicologia é comum organizar a memória em três domínios: a *memória sensorial* que se manifesta pelos sentidos, a *memória a curto prazo* depósito temporário de informações com pouco significado e *memória a longo prazo* que é um processo construtivo e que se atualiza a cada nova recordação.

A *memória afetiva* está relacionada com a memória sensorial e a memória a longo prazo, ou seja, pode-se desenvolver a partir dos sentidos, mas só acontece se estiver interconectada a um momento afetivo. Quando se retoma memórias afetivas podemos provocar emoções e sentimentos tanto em sentido positivo como negativo. E neste sentido a fotografia é uma memória guardada.

Entre as imagens apresentadas queremos destacar a seguinte imagens.



Figura 2. Banco do jardim de sua casa, memórias de família.



Figura 3. Um local que me marcou muito, que me permitiu voltar ao meu mundo infantil que já vivi. Recordei muitas memórias dos meus desenhos animados preferidos e vivi toda a magia e meio envolvente. O contraste de cores e figuras que compõe estes vitrais transforma-me como se eu fosse uma personagem real, em que tudo que me envolve é tratado ao pormenor e nada é esquecido fazendo com que viva este mundo encantado

2. Percepção/Experiência Estética

Quando falamos de *percepção estética* não tem como não a relacionar com experiência estética. A percepção tem a ver com toda parte sensorial e os processos que está possa desencadear. De acordo com Reis (2011, p. 78), “A percepção estética não visa ao objeto segundo a sua finalidade prática ou utilitária, mas implica a abertura e entrega do sujeito a um mundo sensível que o convida não a decifrá-lo, mas a senti-lo”.

Por sua vez, a *experiência estética* é a relação que o sujeito tem com o objeto, ou seja, “a experiência estética, em que pese as abstrações e raciocínios nela envolvidos e dela decorrentes, acontece primordialmente no corpo, colocando em funcionamento processos biológicos que têm a ver com isto que denominamos sentimento” (Duarte Jr., 2001, p. 136). Assim, a experiência estética acontece por meio da percepção estética, levando em conta a relação do sujeito com o objeto, livre de teorias, levando em conta somente as emoções suscitadas.

Nesta categoria destacamos as seguintes imagens:



Figura 4. Lisboa, seu lado escuro, mas que há luz no fim do túnel.



Figura 5. Árvore com cor diferente das folhas, vermelho, faz uma ligação com a obrigatoriedade de muitos professores que pedem para pinta a árvore de verde

3. Ver para além do olhar

Ver como já argumentamos é um dos sentidos que muitos têm, mas ver além do que a íris do olhar revela é muito complicado como aponta Rubem Alves (s.d.). Tal como o autor refere, envolve “partejar ‘olhos vagabundos’”. É preciso se despir de todos os significados que o objeto em si representa, dando-lhes novos sentidos e significados.

Entre os trabalhos apresentados surgem dois registros interessantes: (i) um estudante fotografou somente árvores e relacionou-as com emoções com que lidamos no dia-a-dia (Fig. 6 e 7) e (ii) outro registrou somente portas e relacionou-as com os obstáculos que encontramos em nossa vida (Fig. 8 e 9).



Figura 6. Por vezes consideramos a existência de estereótipos na sociedade, porém isso não é correto, porque cada um é como cada qual, apresentando virtudes e fragilidades que o caracterizam

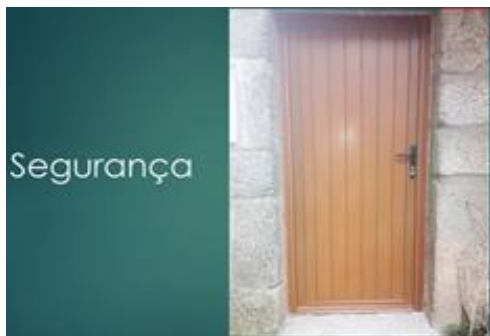


Figura 7. Todos nós necessitamos de segurança, sendo esta característica daqueles são os pilares da nossa vida, nos apoiam e nos protegem



Figura 8. Quedas de folhas, mudança, desapego



Figura 8.A árvore sem folhas, despidos. Sociedade destruidora - Perda de entes queridos

4. Imagens: significados, lembranças

Queremos chamar a atenção neste critério para o afeto que as imagens retratadas podem representar em significados e lembranças. Sabemos que temos pouco controle ao sistema afetivo, visto que o afeto está relacionado a respostas e estímulos emocionais que variam conforme a intensidade, é como se sentíssemos de modo figurado “borboletas no estômago”.

Em determinadas situações os conhecimentos, significados e crenças podem influenciar, estimular o sistema afetivo através de emoções, sentimentos, estados de humor e avaliações. Ao focar algo para registrar, muitos significados e lembranças evocam, a decisão do que é significativo para o indivíduo é baseado nas informações que são processadas pelo mesmo, de acordo com suas memórias. Sendo assim é uma experiência única.

Muitas vezes os elementos fotográficos são ressaltados, em outras apenas o registro é importante. Podemos destacar as seguintes imagens:



Figura 9. Jardim perto da minha casa; fotografada com o meu irmão; Beleza e grandiosidade da natureza; Registro de um momento que vulgarmente não prestamos muita atenção; Flor e abelha tornam-se protagonistas num belo exemplo da riqueza de observarmos os pormenores.



Figura 10. Parque infantil junto da minha casa onde brinquei toda a minha infância; O baloiço que dantes me parecia ficar tão longe do chão, hoje está apenas a uma pequena distância dele. Tirar esta fotografia, representou reviver emoções que tinha guardadas na minha memória, fez-me perceber e comparar a evolução do meu tamanho em relação às diversões que ocupavam os meus dias. O tempo passa, as memórias permanecem. “Em cada pequeno pormenor existe um mundo inteiro de emoções a descobrir...”

6. Educação estética

Quando falamos de educação estética nos referimos aos estudos de João Francisco Duarte Jr. (2001), onde o mesmo argumentou que a educação estética é a educação do sentimento, a educação do sensível, e que a palavra estética está relacionada com a “[...] capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (p. 13). Estas sensações nos levam a estesia, que conforme o mesmo autor reflete se relaciona a “[...] um dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo” (p. 13). Educação estética ou a educação do sensível é, então, “desenvolver e refinar os sentidos” (p. 14).

Sendo assim a educação estética pode ampliar os referenciais e a visão de mundo dos indivíduos.

Complementamos assim com (Duarte Jr., 2001),

[...]que nos largos domínios da educação estética (ou educação do sensível) acha-se compreendida a educação estética, tomando-se aqui o termo “estética” com o sentido restrito que ele acabou adquirindo em nossos dias, ao dizer respeito mais especificamente à arte e à sua apreensão por um espectador, num dado contexto histórico e cultural (p. 184).

Entre as imagens apresentadas distinguimos as seguintes:



Figura 11. Banco-Este banco foi o eleito porque merece devido à sua vista. Há dias que precisamos de parar e pensar na beleza que nos rodeia para retomarmos à nossa paz interior, compreender o bem de todos os seres vivos.



Figura 12. Calçada, lembra de seu tempo de criança

Um novo OLHAR ...

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto
(Caeiro, 1993).

Alberto Caeiro nestes versos permite-nos pensar sobre a importância do olhar que destinamos ao que está ao nosso redor, em todas as direções. Um olhar que se abre para o novo, a cada movimento, rejuvenescendo nossa forma de perceber o mundo. Esse treino do olhar amplia nossa percepção e, por meio dela, descobrimos um universo sempre “amanhecendo”, um mundo com frescor e livre dos hábitos do cotidiano.

O desconstruir conceitos, reorganizando estes não é nada fácil, ainda mais quando se trata de algo óbvio VER. Mas, ver além do que a retina nos apresenta, ver escutando, sentindo, refletindo, expressando é algo que tem que ser aprendido e apreendido. Esta atividade permitiu não só o autoconhecimento dos envolvidos,

como também permitiu que pudéssemos identificar as ideias e um pouco do contexto histórico de cada um diante do novo olhar que criaram ao perceber coisas que no dia-a-dia não notavam ou deixaram de notar. Novamente citamos Duarte Jr. (2001),

O modo prático de ver o mundo orienta-se movido pelas questões “o que posso fazer com isto e que vantagens posso obter disto?”, ao passo que o olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre uma sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade (p. 98).

Esta atividade permitiu que os envolvidos pudessem cultivar este olhar estético, se tornando assim cidadãos atentos, críticos, autônomos e criativos localizados num contexto histórico e cultural.

Baseado nas análises das imagens, acredita-se que a fotografia, assim como a obra de arte, tem um significado para quem registra e outro para quem aprecia, pois, a experiência é individual, a leitura das imagens pode até ser de senso comum para muitos, ou seja, interligando com fatos, tempos e lugares. Mas, é diante destas lembranças que podemos refletir sob uma perspectiva teórica e estético o OLHAR que vai além da retina humana.

Em suma, esta tarefa promoveu desafios, curiosidades e aprendizagens na arte de ver, i) identificando ideias e “pedaços de vida”, ii) alertando para as relações intra e interpessoais tantas vezes atropelados pelo ritmo de vida ou menosprezados por fatores culturais, e iii) uma visão de mundo mais atenta e significativa enquanto cidadãos atentos, críticos, autônomos e criativos localizados num contexto histórico e cultural. Assim, podemos concluir que numa contemplação direcionada, a relação do sujeito com o objeto passará pela sua percepção comum e poderá levá-lo a uma percepção mais seletiva, a uma percepção estética, tornando possível o refinamento estético e cultural.

Referencias

- Adams, A. (15 de Fevereiro de 2015). Diário Digital. (U. S. Neto, Editor, & I. P. Barbosa, Produtor) Acesso em 02 de Julho de 2017, disponível em Diário Digital [online]: <http://www.diariodigital.com.br/dia-digital/nao-fazem-os-uma-foto- apenas-com-uma-camera-ao-ato-de-fotografar-trazem/126463/>
- Alves, Rubem;. (s.d.). A arte de Educar. Fonte: Trilhando Autonomia: <http://www.tautonomia.com/2015/07/arte-de-educar-rubem-alves.html>
- Bondía, J. L. (Jan/Fev/Mar/Abr de 2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, 19, 20-28,168-169. Acesso em 05 de Julho de 2017, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>
- Cairo, A. (1993). Arquivo Pessoa. Acesso em 20 de dezembro de 2016, disponível em Arquivo Pessoa: <http://arquivopessoa.net/textos/1463>
- Centro de Fotografia ESPM. (14 de Maio de 2012). (Escola de Ensino de Propaganda e Marketing) Acesso em 03 de Julho de 2017, disponível em [foto.espm: http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/a-liberdade-em-cores-de-ernst-haas/](http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/a-liberdade-em-cores-de-ernst-haas/)
- Dicio. (06 de Julho de 2017). Acesso em 06 de Julho de 2017, disponível em Dicionário Online de Português: <https://www.dicio.com.br/ver/>
- Duarte Jr., J. F. (2001). O sentido dos sentidos a educação (do) sensível. Curitiba, PR: Criar.
- Godolphim, N. (jul/set de 1995). A fotografia como recurso narrativo:problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, 02(01), 161-185. Acesso em 01 de Julho de 2017, disponível em <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a13.pdf>
- Neitzel, A. d., & Carvalho, C. (2016). Estética e arte na formação do professor da educação básica. Em Mediação Cultural, formação de leitores & educação estética (pp. 231-251). Curitiba, Paraná, Brasil: CRV.
- Piovesan, A., & Temporini, E. R. (1995). Pesquisa exploratória:procedimento metodológico para o estudo de fatores no campo da saúde pública. Saúde Pública [online], 29(4), 318-325. Acesso em 17 de maio de 2017, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>
- Reis, A. C. (2011). A experiência estética sob um olhar fenomenológico. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63(01), pp. 75-86. Acesso em 06 de julho de 2017, disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009
- Salgado, S. (2017). A fotografia mis do que nunca, tem um longo futuro. (J. Silva, Entrevistador) Fonte: <http://www.revistaprosaversoarte.com/a-fotografia-mais-do-que-nunca-tem-um-longo-futuro-sebastiao-salgado/>

Agradecimentos

Centro de Investigação em Estudos da Criança; Estudantes implicados na pesquisa.

ⁱ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM>.